



Mais que viajar: Wanderlust



Ikaró Ruan Penha Costa
Engenharia Civil
Universidade Federal do Cariri - UFCA
The University of Kansas, USA
Civil Engineering
ikaroruan@outlook.com
06 de junho de 2017

RELATO DE EXPERIÊNCIA - INTERCÂMBIO INTERNACIONAL

Ainda que considerado um hobby, viajar perpassa tal definição de modo a configurar-se em um desejo de conhecer o desconhecido e moldar o próprio ser. Pude perceber desde cedo tal sentimento aflorar e amadurecer em mim. Desse modo, com o surgimento do Ciências sem Fronteiras, a oportunidade me parecia mais concreta, e ao ingressar na universidade aproximei-me dela. Foi dessa forma que iniciei a jornada de intercambista.

Inicialmente, tornou-se importante a escolha do país e atentar-se aos respectivos requerimentos de participação no programa, pois esse seria o primeiro passo da jornada. Assim, como sempre fui muito fascinado por tecnologias, os Estados Unidos passaram a ser um objetivo de vida, visto que eles são paradigma em questão de desenvolvimento tecnológico. Aliado a isso, meu interesse em matemática e computação sempre foi um destaque nas minhas metas profissionais, o que me levou a visar ainda mais tal país, pois tal país é bastante promissores nessas áreas. No entanto, aprimorar a língua inglesa era preciso.

À respeito das línguas estrangeiras, sempre me pareceu uma diversão aprendê-las, pois sentia como se já estivesse viajando em outra cultura, e o domínio da língua falada no país de destino era essencial para o Ciências sem Fronteiras. Antes do meu período de intercâmbio, costumava estudar Inglês não só para o crescimento, mas também com o objetivo comunicar-me com diversas pessoas. Foi com isso que decidi estudar Inglês por conta própria. Durante as férias, procurava livros de Inglês pela casa de familiares e começava a desbravá-los vigorosamente. Assim, tornei-me autodidata em Inglês.

Contudo, era preciso demonstrar a proficiência necessária em língua inglesa para a aprovação no programa, logo tive de intensificar meus estudos. Usei a internet como minha aliada nessa jornada, sempre procurando materiais sobre Inglês e também preparatórios para o TOEFL (Test of English as a Foreign Language), pois oferece o certificado de proficiência mais aceito pelas universidades americanas. Assim, podcasts de programas ESL (English as a Second Language) passaram a ser uma ferramenta essencial no meu aprendizado, pois pude ter maior contato com a língua em diferentes ocasiões do meu dia. Em seguida, passei a procurar livros relacionados à

engenharia em sua versão original, comumente publicados em inglês, para familiarizar-me também com a linguagem técnica. Acompanhando essa receita foi que consegui a proficiência exigida para participação no Ciências sem Fronteiras.

Seguidamente, de posse do certificado de proficiência, dava-se início à fase documental. O programa tinha como instituição intermediadora nos EUA o IIE (Institute of International Education) para o meu edital de participação (USA/156) e, assim, procurei maiores informações com tal instituição, em que pude ver que o processo seguiria o rito comum de ingresso em universidades americanas para graduação: The Common Application. Posso afirmar que esse nome é marcante na vida dos intercambistas dos EUA, consoante sua imensidão e exigências. É nele que são exigidas as cartas de recomendações, passaporte, avaliações da vida estudantil, sugestão de escolha da universidade, histórico com tradução juramentada, as famosas essays (redações), um vasto questionário, dentre outros documentos. De modo geral, o CommonApp tem por função traçar o perfil do estudante a partir de informações relacionadas às características estudantis e pessoais, tanto individuais como familiares, para que as comissões de admissão possam ter uma imagem mais clara do candidato. Depois de semanas de preparação, os documentos foram enviados e o IIE entrou em ação para viabilizar nossa aceitação na universidade. Dá-se, pois, o início da fase de ansiedade.

Assim sendo, deve-se esperar o resultado da avaliação do perfil e consequente aceite da universidade. É a partir desse momento que passei a checar meus e-mails incansavelmente, à espera do Terms of Appointment (ToA) com as informações de destino incluindo local, datas e a pessoa que seria orientadora do programa nos EUA. Enquanto ele não chegava, eu me empenhava e procurar meu nome nos diretórios de alunos das universidades, já uma parte delas incluem seu nome no diretório quando aceito, mas não obtive sucesso. Além de toda ansiedade, é bom precaver-se para responder diversas vezes à pergunta “Já sabe para onde vai?” e ter de explicar como funciona o processo de admissão em universidades dos Estados Unidos, porque muitos irão perguntar.

Então, chega aquele e-mail tão esperado e o ToA me diz Rock Chalk Jayhawk, ou seja, The University of Kansas - KU. Logo, passei a pesquisar diversas informações sobre a região e a instituição. A cidade era Lawrence, estado do Kansas, com cerca de 100 mil habitantes, sendo a maior parte composta por estudantes e me pareceu excelente à primeira vista. Ao longo do tempo, minhas impressões só se confirmavam, a cidade era maravilhosa.

No caso, tendo ciência da nova orientadora, começavam-se os arranjos para moradia, planos de alimentação e de saúde. Quanto à moradia e plano de alimentação, esses foram providenciados pelo Naismith Hall, o qual era gerenciado por empresa especializada em moradia estudantil. A própria universidade oferecia tais serviços, mas essa foi a opção recomendada por ser de mais comodidade para os alunos. Vale a ressalva que toda tramitação contratual foi feita via internet com a gerência do prédio. Em relação ao plano de saúde, a universidade providenciava seu plano próprio em convênio com uma empresa de seguro saúde, sendo sua contratação seria feita presencialmente.

Passando o tempo, aumentavam-se tanto os preparativos quanto a

ansiedade da viagem internacional até chegar o dia 17 de agosto de 2014. Essa data representa a primeira viagem por si só, primeira vez em um avião e em direção aos Estados Unidos da América. Certamente, dia um de uma vida nova.

Em continuidade, pousando em solo americano, começava-se a perceber que talvez não era sonho, mas sim a realização de um. A chegada é tensa, quanta diferença cultural, pessoal e logística inclusive. Entretanto, ao ver aquele grupo de cerca de 50 intercambistas brasileiros juntos no Kansas, relações de suporte eram estabelecidas mutuamente; por conseguinte, formava-se uma nova família. Iniciava-se, pois, um novo mundo, uma nova era, uma nova visão e um novo Ikaros.

Chegando à universidade, percebia-se a presença das mais diversas culturas de várias partes do mundo e a oportunidade de aproximar-se a cada uma delas. Foi dessa forma que aquele desejo pela comunicação passou a se concretizar, de modo a conhecer não só choques e semelhanças entres costumes de vários países, mas também das diferentes regiões do Brasil.

Ademais, a estrutura da universidade demonstrava-se formidável. Desse modo, a admiração pela estrutura da KU era crescente e não limitada. Era possível observar prédios em todas as direções, com diferentes formatos, arquiteturas e funcionalidades. Dentre tais espaços, destacavam-se aqueles direcionados às aulas e as bibliotecas.

Através dessa concepção, a qualidade dos locais de aula e laboratórios eram visivelmente encantadores. Salas de variadas formas e tamanho, de acordo com a necessidade de cada disciplina a ser ministrada, inclusive tendo a presença de tecnologia de ponta. Dentre essas, as mais deslumbrantes eram aquelas direcionadas ao Active Learning, processo de ensino e aprendizagem largamente utilizado em instituições estadunidenses, pois eram compostas por arranjos de mesas e materiais de áudio e vídeo para o fomento da aprendizagem em grupo. Tais atividades passaram a surpreender-me, pois eram muito efetivas quanto à formação pessoal e técnica, afinal permitia a cooperação no compartilhamento de saberes de forma rápida e construtiva. Já em relação aos laboratórios, estes demonstravam distintamente o poder de pesquisa e inovação tão presente em tais instituições, pois oferecem tecnologias e diversidade de pesquisas capazes de nortear o futuro. Confesso, pois, que me pego a sonhar com tais infraestruturas corriqueiramente.

Além disso, tive bastante fascínio pelas bibliotecas e suas copiosas instalações. Centrais ou setoriais, elas forneciam espaços para estudo individual ou em grupo, zonas quietas, uma imensidão de livros, incluindo aqueles da seção reservada ou da zona restrita, áreas de descanso e alimentação, além de vários computadores, impressoras e locais de venda materiais escolares simples e, ainda, contando com funcionamento 24 horas por dia. Era possível, também, encontrar centro de apoio à escrita e tutoria em algumas disciplinas da universidade como seus serviços comuns. Com suas áreas de descanso e cafeterias, costumo dizer que tais bibliotecas eram projetadas para que se pudesse morar nelas e, assim, muitos estudantes faziam em período de provas. Outro fator a se destacar, é de os próprios alunos terem a possibilidade de solicitar novos livros para seu uso interno na biblioteca ou aluguel, que, por experiência própria, é bastante eficiente e gratificante.

Então, as primeiras aulas se aproximavam e junto acompanhava o anseio de

conhecer as novas turmas e professores. De acordo com a proficiência obtida pelo TOEFL, tive a felicidade de cursar Inglês por um semestre na modalidade English as Second Language. Assim, tive de realizar o teste próprio de proficiência da universidade, a qual é usado para o nivelamento das turmas. Desse modo, as aulas de ESL eram compostas apenas de alunos internacionais, em sua maioria chineses, japoneses e árabes. Os professores eram amáveis e receptivos, nos davam todo suporte necessário e ajudavam no que possível e ainda ensinavam efetivamente com ótima didática. No entanto, passado esse semestre, o período acadêmico era a próxima fase.

Sendo assim, dava-se início às aulas de Engenharia acompanhadas de uma série de testes, provas e atividades, além de novas oportunidades. As aulas são bastante dinâmicas e dão muito espaço ao pensamento crítico e à inovação, sendo o trabalho em grupo um fator crucial para o desenvolvimento da educação onde a interdisciplinaridade é a ferramenta mais comum e poderosa. Isso contrasta com a forma mais mecanizada e unidirecional que é usada em boa parte das metodologias de ensino brasileiro, o que incube em despertar um senso de necessidade de mudança no sistema educacional do Brasil, vale deixar claro que nem todas as metodologias do nosso país seguem essa característica.

Ainda durante o período acadêmico, tive a oportunidade de cursar uma nova língua estrangeira, de modo a seguir os meus objetivos iniciais de intercâmbio. Francês foi a opção escolhida para dar seguimento ao sonho de tornar-me poliglota. Por dois semestres mergulhei nas culturas dos países francófonos e pude aprender ainda mais sobre costumes e diferenças linguísticas. Destaco o quanto foi gratificante ter escolhido cursar uma outra língua, pois, além de mais uma forma de comunicação, as aulas nos guiavam ao aperfeiçoamento tanto do Inglês como da nossa língua materna. Àqueles que possuem o mesmo anseio, aconselho veementemente que procurem concretizá-lo.

Já em período de férias de verão, os Ciéncias sem Fronteiras nos dava a oportunidade de cursar disciplinas de verão ou participar de estágio em empresas ou em pesquisas. Partindo do ponto que sempre almejei a área acadêmica, decidi partir à procura de pesquisa desde cedo, e foi na própria universidade, no Information and Telecommunication Technology Center (ITTC), que passei próximo de dois meses na posição de estudante assistente em pesquisa. Orientado pela Dra. Suzanne Shontz, tive um período de imenso aprendizado e experiência única. Devo salientar aqui minha gratidão à Dra. Shontz pela oportunidade. Além disso, algo considerável a mencionar é a estrutura e a dinamicidade dos projetos de pesquisa, pois possuem propostas que alterarão certamente nosso futuro em uma boa maneira e poder ter me aproximado de uma delas foi formidável.

Estava chegando, então, o período de retorno e acautelar-se era preciso. É um momento de sentimentos mistos de saudades do Brasil e da dolorosa partida de deixar aquela nova família de brasileiros ali formada. Durante o intercâmbio tive o prazer de conhecer uma gama enorme de pessoas, cada um com suas diferenças e culturas, mas alguns brasileiros em especial fui agraciado de tê-los perto de mim, os quais chamo e chamarei de família, pois estávamos sempre juntos e dando suporte uns aos outros. Mas, tínhamos de retornar ao nosso país e assim fizemos.

Nesse sentido, de volta ao Brasil, estava diante de uma nova fase de readaptação. Voltava para o mesmo local, com a exceção de algumas pequenas diferenças, mas não voltava ali a mesma pessoa e sim alguém de visão transformada e amadurecida, então a forma de se situar na região de origem era diferenciada, pois o anseio de fazer a diferença e mudar nossa atual conjuntura é constante e crescente. Logo, adapta-se, mas o desejo de mudar e melhorar continua.

Dessa maneira, entrei na fase de continuidade dos estudos, sendo que o objetivo de dedicar-me à área acadêmica incita novas perspectivas internacionais. O período de intercâmbio me fez enxergar áreas de estudo a qual me identifico com maior perspicácia. Logo, a ideia de cursar uma pós-graduação em outro país como os Estados Unidos também vislumbra como objetivo de vida profissional, haja vista que desejo participar do processo de desenvolvimento de novas tecnologia, o qual tem sido frenético e surpreendente nos dias atuais.

Portanto, posso afirmar indubitavelmente que o Ciências sem Fronteiras foi um divisor de águas. A partir de tudo isso pude crescer e amadurecer, percebendo o diferente e tolerando-o, sendo mais empático. Quanto ao aspecto profissional, aprendi que sonhos podem se concretizar e que não há limites para eles, logo vi que todo esforço é valoroso e edificante e esforçar-se para atingir as metas profissionais, apesar de árduo, é gratificante.

Em vista disso, devo abrir aqui espaço para agradecimentos. Em primeiro lugar agradeço a Deus por tamanha oportunidade e por toda coragem que me deu para seguir em frente. Agradeço também a minha família pelo apoio e a CAPES/CNPq pelo fomento ao Programa. Ressalto também meus agradecimentos ao orientador e amigo Vicente Helano por todo apoio durante todo o processo, assim como Celeste Yaluk por todas as orientações. Sou imensamente grato a minha nova família, Marcos, Sayuri, João, Judá, Vitor, Michele, Diego, Stéphanie, Thaís, Erik, Rafinha e Sâmequi por todo carinho e cuidado.

Nesse contexto, afirmo que faria tudo mais uma vez. Superaria todos os medos e barreiras que superei, aprenderia mais, cresceria e amadureceria novamente, porque cada segundo valeu a pena. Em vista disso, percebe-se que viajar é preciso, pois, a partir de Amyr Klink: “Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver”.

E é a partir de todas essas experiências e aprendizados que viajar se torna mais que um hobby, mas uma forma de vida, podendo ser caracterizado em uma pequena palavra: WANDERLUST.